

## FESTIVAL TEMPO DE MÚSICA

Já dizia Nietzsche que “sem música a vida não faria sentido”. Mas não é preciso ser filósofo para entender a importância que a música desempenha na sociedade. Mais que apenas sons harmonizados, ela proporciona sentidos múltiplos a quem frui suas notas e tem poder de resgatar a história. Preservar a memória da música brasileira é o objetivo do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música antiga, que, em sua 24ª edição, entre os dias 14 e 28 de julho, alcança novas proporções como resultado da incorporação do Pró-Música pela Universidade Federal de Juiz de Fora: a internacionalização do evento foi ampliada, e o Cine-Theatro Central será palco dos principais concertos – além da integração do *campus* da UFJF ao roteiro de apresentações em espaços ao ar livre, com o projeto *Som de Domingo*, na Concha Acústica, e a realização de uma exposição de artes plásticas.

tos, irá executar o *Requiem* de Mozart, uma das mais aclamadas e populares obras da música erudita, que terá sua versão histórica tocada a partir de instrumentos de época e acompanhamentos do coro carioca Calíope. A obra resultará em um registro singular na história da discografia brasileira, com a gravação do CD desta edição do festival.

O ponto de convergência entre o conhecimento e o desempenho dos músicos é o bate-papo que antecede os concertos, toda noite, às 19h30, quando o professor Rodolfo Valverde comenta as atrações e os programas dos recitais. Segundo ele, essa iniciativa legitima o interesse do público, que aumenta a cada edição desde que foi introduzida no programa. O professor explica que, por não integrar o repertório cotidiano do brasileiro, a música antiga, para ser compreendida, necessita de conhecimento sobre

Filarmônica MG. Foto: Alexandre Rezende.



### NESTA EDIÇÃO

**ARTIGO**  
MISSÃO DEMOCRÁTICA

**ENTREVISTA**  
UM SÉCULO DE MODA  
COM JOÃO BRAGA

**POESIA**  
POR UM LEITOR  
CRIADOR

**ACERVOS LITERÁRIOS**  
PESQUISAS EM AÇÃO

Destino certo de, pelo menos, 700 estudantes de música vindos de todo o país, o festival oferece troca de experiências entre alunos de níveis distintos, além de abrir um leque de possibilidades para o encontro com profissionais do mais alto nível nacional e internacional. Para esta edição, a troca de experiências multinacionais no âmbito da música antiga será ampliada no departamento de instrumentos tradicionais, com a participação de oito professores americanos, alguns dos quais também se apresentarão para o público. “Isso vai assegurar o crescimento do festival, que já é um projeto consolidado”, comenta Júlio César Santos, diretor do Pró-Música. Ele afirma que, após a incorporação da UFJF, os horizontes estão se ampliando, o que contribui para o aperfeiçoamento do festival.

Durante a realização do evento, serão oferecidos cursos de instrumentos de sopro – traverso, flauta doce, fagote e clarineta – e cordas, como violino barroco, violino, violoncelo, cravo e viola. Também serão oferecidos cursos voltados para a área de orquestras, vozes e didática da musicalização. Além dos cursos ministrados por conceituados professores brasileiros e estrangeiros, o evento oferece *master class* internacional de música antiga com o francês Marc Hantai, que também ministrará aulas sobre traverso.

### MOZART

Durante o período de realização do festival, Juiz de Fora respira música. As mais de 30 apresentações de concertos acontecem em teatros, igrejas e espaços abertos. A Orquestra Sinfônica Heliópolis (SP) realiza o concerto de abertura, dia 14, no Central, e a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais é responsável pelo concerto de encerramento, também no cine-teatro. Um dos destaques, no dia 15, a Orquestra Barroca do Festival, regida por Luís Otávio San-

linguagem musical e o contexto histórico de sua criação. A partir dos comentários didáticos, com abertura para integração da plateia, o interesse é despertado, e então o público não será mero espectador, mas apreciador da obra por inteiro. “Fico muito feliz por poder contribuir para a formação do público na minha cidade, ver que o festival acontece há mais de 20 anos e que cada vez mais busca a disseminação da arte”, ressalta.

### EXPOSIÇÃO

O que você vê é música, esse é o tema da exposição organizada pelo professor Ricardo Cristofaro, que estará em cartaz na galeria Renato de Almeida durante o festival. Ela reúne obras de alunos e professores do curso de Artes do Instituto de Artes e Design (IAD). Segundo Júlio César, o festival é uma vitrine, onde todas as atenções estão voltadas para as produções, sejam elas musicais ou de qualquer outra expressão artística.

Em mais de duas décadas dedicadas ao ensino, à pesquisa, à preservação e à divulgação de nossa herança musical, o Festival foi agraciado com o título de Patrimônio Imaterial de Juiz de Fora e é detentor do Troféu Guarany (Prêmio Carlos Gomes), do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Ministério da Cultura, e da Ordem do Mérito Cultural, insígnia concedida pela Casa Civil da Presidência da República. Intérpretes e professores consagrados se dedicaram a essa tarefa junto aos organizadores, formando uma geração de músicos. A partir do trabalho de especialistas, o Festival trouxe à luz (e ofereceu interpretações inéditas) achados do legado colonial. Todo esse trabalho está registrado e divulgado no cenário internacional por meio de 21 CDs, um DVD e nove livros – oito dos quais dedicados à musicologia.

Luzya Marxiellen



## COLETIVO CULTURAL RUMO A UM FUTURO MELHOR

A Universidade Federal de Juiz de Fora tem ampliado, cada vez mais, sua inserção na sociedade, a fim de cumprir com a missão não só de formar profissionais de qualidade, como, principalmente, de contribuir para a transformação social e o exercício pleno da cidadania. A expansão do número de vagas em cursos de graduação, com o Reuni, multiplica a oportunidade de ingresso no ensino superior público de qualidade. O aluno da UFJF tem ainda a possibilidade de dar sequência a seus estudos em um número crescente de cursos de pós-graduação – avanço que é necessariamente acompanhado de investimentos em reforma e criação de novas instalações de ensino e pesquisa. A implantação do *campus* avançado da UFJF em Governador Valadares, no leste de Minas, representa um momento histórico para a instituição, que assim atende a uma demanda e tem a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de uma região importante de nosso estado.



envolvimento de estudantes de primeiro e segundo grau com as múltiplas linguagens artísticas que o espaço museológico proporciona. Com o projeto *Coletivo Cultural*, inaugurado em maio, alunos do ensino público têm a chance de conhecer o Museu de Arte Murilo Mendes. Pela primeira vez na vida de muitos deles, há a oportunidade de estar em contato com mostras de

Nossa instituição tem colaborado para o desenvolvimento pessoal de jovens que, no futuro, possivelmente estarão entre seus alunos. Um deles é fazer chegar a arte e a cultura a todos. Com esse foco, a UFJF, por intermédio da Pró-reitoria de Cultura, hoje se coloca ainda mais próxima da sociedade, tornando possível o

expressão mundial, como a *30ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo*, a partir do recorte itinerante de *A iminência das poéticas*. A exposição *Juiz de Fora verbo e cor – Das origens ao início do século XX*, que conta de forma didática a história da cidade através dos tempos, é outro dos acréscimos à vida cultural desses novos e bem-vindos visitantes. O valor de tal inserção está além da compreensão imediata, uma vez que a arte instiga a reflexão, alimentando o sonho que torna possível a construção de um futuro melhor.

Do dia 14 de maio, quando chegaram ao Mamm os primeiros visitantes levados pelo ônibus da UFJF, até este mês de julho, já são mais de 650 estudantes de escolas públicas, que contribuíram para elevar a frequência de público do museu em 70 pessoas por dia, número que aponta para um acerto que consideramos fundamental. Em termos gerais, neste semestre, houve em torno de dois mil atendimentos pela Divisão Educativa do Museu, abrangendo 39 instituições de ensino. Eis um grande motivo para comemorar. Se focarmos nossa atenção em maio deste ano, veremos que o projeto fez crescer em 56,4% as visitas em comparação ao mesmo período de 2012.

O *Coletivo Cultural* é nossa universidade oferecendo o alimento da alma, saciando a fome, que todos devemos ter, de ampliar nossos horizontes. Até o final do ano, estimamos atrair o dobro desse contingente para embarcar nessa importante viagem cultural. Só neste projeto, já serão cerca de mil novos visitantes inseridos e teremos, então, cumprido a missão de compartilhar o universo em movimento que é o Mamm, despertando o interesse dos jovens pela arte, pela cultura e pela memória, valores que definem nossa identidade. Vemos esses alunos como preciosos agentes multiplicadores dos ideais que levam ao saber e ao poder de decisão consciente que o conhecimento adquirido implica. Essa é a verdadeira democracia a que o Brasil está destinado, missão à qual a UFJF vem servindo com honra e alegria.

Henrique Duque de Miranda Chaves Filho  
Reitor da UFJF

## POESIA AO ALCANCE DE TODOS

Dentre as definições do Dicionário Aurélio, poesia é *Característica do que toca, eleva, encanta. Forma especial de linguagem, mais dirigida à imaginação e à sensibilidade do que ao raciocínio; em vez de comunicar principalmente informações, a poesia transmite, sobretudo, emoções*. Sim, não é à toa que, até o dia 17 de junho, o livro *Toda poesia*, de Paulo Leminski, completava sua 13ª semana na lista dos 20 livros mais vendidos da revista *Veja*. O sucesso da coletânea de versos de Leminski, lançada pela Cia. das Letras, é uma prova de que a poesia, considerada por muitos um estilo de elite, está se popularizando, principalmente através das redes sociais.

Em Juiz de Fora, por exemplo, a poesia tem ganhado força dentro do Projeto Leituras Temáticas, voltado para a literatura geral, que ocorre no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). O poeta lacyr Anderson Freitas ministra um curso que já se encontra em seu segundo módulo, *Lira e Antilira* (que estuda especificamente Ruy Espinheira Filho e João Cabral de Melo Neto), iniciado em 5 de junho. O primeiro módulo do curso, *A poesia partilhada*, existe desde 2012, e, em abril deste ano, teve sua terceira edição. Em entrevista ao *Palco*, lacyr explica que o curso é voltado para a comunidade em geral, e a única exigência prévia é a vontade de conhecer e buscar o poeta e o estilo que mais agrade ao aluno: "Para cada um existe uma poesia capaz de tocar", diz ele, frisando, entretanto, que é necessário conhecer para escolher.

O representante comercial Carlos Maurício Perez se interessou por poesia a partir dos versos de Milton Nascimento, mas foi Fernando Pessoa quem lhe abriu um leque de possibilidades, incentivando-o a escrever suas próprias poesias. Atualmente, Carlos já cursa o segundo

módulo do curso, mas, por incrível que pareça, não gostava das aulas de poesia no período escolar porque sentia uma receita pronta no ensino. Para ele, "a poesia é como um oásis no deserto da vida".

Rosani Martins é professora de história jornalística e auxiliar administrativo do Hemominas, onde conheceu lacyr, em um encontro de poetas, e ficou sabendo do curso. Ela escreve poesia desde o primário e não parou mais. No entanto, seus poemas ficavam escondidos, até que um amigo os leu e a incentivou a investir nesse dom. Rosani, então, participou de vários concursos e conseguiu alguns prêmios. Hoje faz questão de registrar sua obra: "Eles [os poemas] são meus filhos. Não gostaria de ver meus filhos nos braços de outra mãe", afirma.

### CONTRAMÃO

De acordo com lacyr, "a poesia está na contramão da literatura de consumo", porque precisa mais do que um leitor. Ela é isolada do mercado e não dá expectativas prévias, por isso requer um leitor criador, um leitor disposto a ler, entender e absorver poeticamente, sem pressa, o que lhe é apresentado. O curso de lacyr não ensina poesia porque ela não pode ser ensinada, e muito menos relacionada com gramática. Esse seria o grande problema de instituições de ensino que buscam, de maneira errônea, incentivar a leitura poética. São apresentados as poesias, os modelos e os estilos inadequados para uma faixa etária inadequada. Para lacyr, ocorre então "uma domesticação de sentidos para a interpretação, sendo que a poesia é polissêmica".

Ráira Garcia



## ENTREVISTA JOÃO BRAGA

“Moda não é autorreferente, ela não vive só da roupa”, afirmou o estilista e historiador da moda João Braga, em entrevista ao *Palco* na tarde de lançamento do seu mais novo livro, *Um século de moda*, no MAMM. Distante dos estereótipos esnobes e frívolos dos estilistas de cinema, em uma conversa descontraída, Braga, considerado uma das maiores autoridades do país no assunto, demonstrou a importância do tema para a vida cultural e econômica da sociedade.

Você já publicou diversos livros sobre história da moda. O que *Um século de moda* traz de novo? O que registra de diferente?

Em primeiro lugar, é uma delimitação de tempo. No livro eu trabalho apenas um século, que é o século XX. A diferença está em lançar um olhar ano a ano, o que é uma maneira diferente de historiografar. Elegi, em cada ano, um fato relevante para a história da moda. Nesse processo, o que eu quis fazer foi incluir o Brasil, porque, normalmente, fala-se muito em uma moda internacional. O primeiro brasileiro a entrar na história é Santos Dumont, quando, em 1904, a casa Cartier cria para ele o relógio de pulso, que ficou conhecido como o relógio Santos.

Mas, quando se fala de moda, lembramos sempre das grandes marcas, do círculo da alta costura, de um estrato econômico e social restrito. É possível que uma pessoa que não esteja participando dessa elite esteja na moda?

No fundo, no fundo, moda é isso. Quando a coisa surge, é elitizada, é estilo, e estilo está ligado à subjetividade. Só se torna realmente moda quando este estilo é aceito e se torna coletivo. Então, o profissional de moda pode criar alguma coisa. O que ele está sugerindo ainda não é um estilo, mas apenas a visão de mundo dele. Quando o grande público aceita aquela ideia e a torna coletiva é que vira moda. A moda tem seus paradoxos. Ela é verdadeiramente democrática, porque é a rua que legitima a ideia de moda.

Qual o segredo para que um estilo alcance esta legitimação do público?

Existem pessoas que são extremamente sensíveis e capazes de mudar o ar de um tempo; por exemplo, Chanel. Ela foi uma delas, no princípio do século XX, e tornou-se um grande nome até mesmo na segunda metade do século. Saint Laurent é outro exemplo. Quando ele cria o vestido trapézio ou coloca a mulher de *smoking*, ou seja, essa ideia da relação do masculino com o feminino, é isso que eles estão fazendo. Eles não são apenas capazes de acompanhar o ar de um tempo, mas são capazes de legitimar um novo padrão, uma mudança de paradigma que servirá como nova referência. Porque moda é o coletivo e é algo passageiro. Ela vai surgir num determinado momento da história, mas a moda traz em si o aspecto de mudança regular. Não existe este negócio “da moda veio para ficar”, pois ela só vai ficar um tempo. A realidade da moda é mudar com regularidade. Não é à toa que, hoje, existem fenômenos como o *fast fashion* (produção contínua de novidades pelos grandes magazines), mostrando que a realidade da moda está mais efêmera ainda. Isso por uma série de fatores: vivemos em uma sociedade de consumo, e há ainda a facilidade dos meios de comunicação. Portanto, há a necessidade, sim, de pessoas, que são capazes de ter uma ideia e torná-la algo *vestível*. Elas são talentos a toda prova que, com um poder de mídia, com o reconhecimento de mercado, são capazes de fazer com que a massa se convença de usar aquilo.

Nas artes, há sempre um embate em torno da participação do mercado em sua produção, se é legítimo ou não, se ajuda ou atrapalha. Na moda, parece não haver isso. O mercado aparenta ser o grande veículo que fez com que a moda cresça.

Sem dúvida alguma. A moda é um fenômeno capitalista. É um fenômeno social. Ela precisa ser multiplicada para poder se tornar moda. E, dentro da sociedade capitalista, essa multiplicação é especialmente via comércio. Não é à toa que ela aparece no período entre o final da

Idade Média e o princípio da Idade Moderna, no Renascimento, que é a época de surgimento do capitalismo. Os cruzados iam ao oriente e traziam produtos que eram comercializados na Europa ocidental; desse processo, surgiram os mercantilistas, (comerciantes da época) que deram origem à burguesia. Os burgueses quiseram imitar o prestígio dos nobres, que, por sua vez, se incomodavam e criavam uma roupa nova. Burguês via a mudança, copiava a roupa nova que a corte tinha feito, e o nobre criava uma nova vestimenta. Dessa dinâmica de criação pelos nobres e cópia pelos burgueses, surgiu esse prazo de validade para a roupa, e prazo de validade é moda. Moda vale um tempo. Isso que se usa hoje não vai ser mais um padrão, não vai ser mais a referência. Portanto, ela depende dessa realidade comercial. Moda é *business*.

Você vê uma mudança drástica na moda na passagem do século XIX para o XX?

Essa mudança não acompanhou a mudança cronológica. O século XX começa em 1901, mas as grandes mudanças começam na década de 1910 por causa da grande guerra. É o momento no qual surge a ideia de emancipação feminina. A mulher soltou o cabelo, tirou o espartilho para poder trabalhar; foi uma mudança total de paradigma na moda. Em 1920, vem a ideia de uma liberdade feminina de fato. A mulher corta o cabelo, começa a fumar em público, encurta a saia até a altura dos joelhos, baixa o quadril. Fica até masculinizada, achata os seios, achata os quadris para ter um aspecto cilíndrico, semelhante a um corpo masculino. Outra grande mudança foi com a Segunda Guerra, em que a mulher teve que voltar a trabalhar; então a roupa se masculinizou. O pós-guerra resgata o aspecto de feminilidade, que vai definir os anos 1950, o tempo de uma mulher feminina, com saia rodada, cintura marcada. Enfim, a moda ajuda a conceituar o ar de um tempo, o *zeitgeist* [espírito do tempo].

Nesse início do século XXI, você destaca algum acontecimento da moda que merecerá registro nos livros de história do futuro?

O *fast fashion*, sem dúvida alguma. Isso que começou no final do século XX e continua hoje, essa ideia da pluralidade, da multiplicidade, do hibridismo. A ideia da subjetividade. Hoje, você quase que deve ser o estilista de você mesmo. Você tem as propostas que estão no ar, e capta aquilo que o agrada e cria seu próprio visual, não descartando a continuidade de tendência. Mas a subjetividade, o trabalho autoral são as grandes sacadas para as propostas de um estilo que poderá vir a ser moda, poderá ser coletivo. Há as diversas possibilidades, e o indivíduo vai se identificar com uma delas, inclusive misturando estilos.

É possível estar na moda sem ser elegante, ou ser elegante sem estar na moda?

Com certeza. Existe um padrão clássico que não tem muita variação, e é possível ser elegante sem seguir moda, e, pelo contrário, a elegância tem até esse padrão. Mas é interessante notar que o “el” de elegância vem do sânscrito e significa *Deus*. O significado da palavra beleza é se aproximar de Deus, se aproximar do plano divino, porque a beleza propicia o êxtase, propicia aquilo que a filosofia vai chamar de abalo, de não sei quê. Logo, o “el” de elegância significa revestir-se da aura divina, emanando uma luz que seja capaz de sensibilizar o espectador. Elegância, pra mim, vem nesse sentido.

Thauan Monteiro



# AGENDA

## UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n  
Campus Universitário  
(32) 2102-3965  
www.ufjf.br/procult

## EXPOSIÇÃO

Patrimônio em fotomaquete,  
Alexandre Fioravante  
Saguão da Reitoria  
27.06 a 20.07

## CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n  
(32) 3215-1400  
www.theatrocentral.ufjf.br

## 24º FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA COLONIAL BRASILEIRA E MÚSICA ANTIGA

Dia 14, 20h30 Orquestra

Sinfônica Heliópolis

Dia 15, 20h30 Orquestra Barroca  
do Festival

Dia 16, 20h30 Camerata Antiqua  
de Curitiba

Dia 17, 20h30 Grupo de  
Percussão da UFMG

Dia 18, 20h30 Grupo Anima

Dia 20, 20h30 Camerata Fukuda

Dia 21, 20h30 Orquestra

Sinfônica de Barra Mansa

Dia 25, 20h30 Quaternaglia

Dia 27, 20h30 Orquestras do

Festival

Dia 28, 20h30 Orquestra

Filarmonica de Minas Gerais

## MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790  
(32) 3229-9070

www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 9h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

## EXPOSIÇÕES

Juiz de Fora Verbo e Cor – Das  
origens ao início do século XX  
Galerias Retrato-relâmpago e  
Poliedro

A obra e a coleção: aproximações  
em Murilo Mendes  
Galeria Convergência

## LEITURAS TEMÁTICAS

18.07, 19h Lançamento do livro O  
discurso de Cícero de Haruspicum  
Responsis, de Luís Carlos Lima  
Carpinetti e Lara Barreto Corrêa

## PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329

(32) 3216-4787

www.promusica.org.br

## EXPOSIÇÃO

10.07 a 30.07 O que você vê é  
música

Galeria Renato de Almeida

## ESPAÇO CULTURAL DOS CORREIOS

Rua Marechal Deodoro, 470

## EXPOSIÇÃO

07.06 a 20.07 João Rossi - através  
do tempo

## PREFEITURA (FUNALFA)

Av. Rio Branco, 2.234

27 e 28, 17h Arraiá da Cidade,  
Praça Antônio Carlos



## ACERVOS LITERÁRIOS PESQUISAS CIENTÍFICAS

“Penso que documentos de qualidade precisam estar disponíveis para pesquisadores”, afirma a professora do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF, Moema Rodrigues Brandão Mendes, doutora em literatura comparada e coordenadora de um grupo de pesquisa que pretende resgatar escrituras, entre correspondências e manuscritos, de escritores mineiros, para realizar a composição de um dossiê genético-crítico. O trabalho visa ao processamento técnico do acervo dos escritores Gilberto e Cosette de Alencar, abrigado no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM).

Outro projeto de pesquisa realizado no MAMM se debruça sobre o acervo do poeta Murilo Mendes para tentar identificar os processos transculturais na literatura brasileira, especialmente nas vozes de Minas, onde se buscam as diversidades na inovadora obra do autor juiz-forano. Este grupo de pesquisa é coordenado pela também professora do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF, Maria Aparecida Nogueira Schmitt, que defende a ideia de que não haja nenhum limite para as pesquisas da intelectualidade, num claro movimento de derrubar muros e romper com as fronteiras do mundo acadêmico.

### BASTIDORES DO MUNDO LITERÁRIO

O grupo que trabalha com o acervo de Gilberto e sua filha Cosette há um ano e três meses objetiva resgatar os bastidores de toda a movimentação literária dos acervos que estão depositados no MAMM e custodiados pelo museu, a começar por Gilberto de Alencar. Para este, especificamente, pretende-se elaborar um catálogo de suas correspondências, com a intenção de disponibilizar esse material para uma pesquisa pública até o final do ano. Os pesquisadores, dois doutores, quatro mestres e seis mestrandos, compreendem que a correspondência é um acervo importantíssimo, pois revela riqueza literária. O interessante é observar os diálogos literários que se fazem presentes nas cartas. Para Moema Mendes, os bastidores históricos e do mundo literário são revelados através da correspondência: “Muita política literária foi feita através das cartas”, diz.

O grupo já constatou que existe muita correspondência com escritores importantes da época, que foram agentes de transformação social e literária, e muitos recortes de jornal. Gilberto de Alencar se correspondia, entre outros, com Rachel de Queiroz, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Edmundo Lins, Menelick de Carvalho, Albino Esteves, Eduardo Frieiro, Agripino Grieco e Lindolfo Gomes. Além disso, há as colaborações de Gilberto de Alencar para as revistas *Alterosa* e *Vida Doméstica* e para os jornais *O Lince* e *Diário Mercantil*.

A pesquisa permite observar com muita nitidez, nas cartas de Cosette de Alencar e nas crônicas que publicou no *Diário Mercantil*, o olhar feminino sobre o modernismo brasileiro de uma mulher mineira que, segundo a coordenadora, “não desenvolveu um capital social suficiente para ser reconhecida como escritora em âmbito nacional”, mas que atuou no meio de escritores importantes que fizeram o movimento modernista em Cataguases, à frente da *Revista Verde*.

O acervo de Gilberto de Alencar tem um lote de correspondência composto de 474 documentos, como cartões, telegramas e cartas, e, neste momento, o grupo digitaliza os dados obtidos, no mesmo modelo dos inventários do Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Para a coordenadora do grupo, “todo acervo é cheio de possibilidades. A cada carta que você lê, a cada envelope que você abre, encontra-se uma multiplicidade de possibilidades para se pesquisar”.

### O TRANSCULTURADOR MURILO MENDES

Transculturação: o termo ainda é pouco difundido no meio acadêmico, e é essa característica que desperta a atenção da coordenadora do grupo de pesquisa sobre transculturação na obra de Murilo Mendes, Maria Aparecida Schmitt, pós-doutora em letras neolatinas. O termo diz respeito ao trânsito, à plasticidade de uma cultura para a outra, ou seja, uma cultura interpenetrando a outra. O transculturador Murilo Mendes é identificado, por exemplo, quando, em sua obra, ele traz para o universo letrado – que é o dele – aquelas pessoas que são menos letradas. Em *A idade do serrote*, por exemplo, Murilo vai escrever a “Rainha do Sabão”, personagem popularíssima. A pesquisa busca descobrir quais são os processos de culturas se interpermeando dentro da obra muriliana.

O grupo iniciou seus trabalhos em 2011 e, no final de 2012, foi ampliado para um projeto, com foco específico em Murilo Mendes, que foi apresentado à diretoria do MAMM. Hoje é integrado por quatro pesquisadores e 30 discentes, alunos do mestrado em Letras do CES/JF. A princípio, pretende trabalhar dois anos com Murilo Mendes e depois com outros autores mineiros.

Os processos transculturais são narrativos, por isso o grupo buscou todas as obras em prosa de Murilo, observando também as marcas e marginálias de leituras que o autor fazia. O grupo busca responder o que seriam os colchetes, as interrogações, as exclamações, por exemplo, para que a postura de transculturador de Murilo possa ser identificada. Em determinadas obras, há a inclusão de um setor que hoje é identificado como as minorias (a mulher, o homossexual, o negro, o mestiço), e Murilo vai justamente mostrar esse trânsito, essa plasticidade, que, de certa forma, ele valida. “Já percebemos, por exemplo, que, com as chaves, ele deixa clara a ideia que compra de outro autor, de um outro escritor, e nós estamos notando que muitas dessas partes que ele legítima estão ligadas à transculturação”, explica Maria Aparecida Schmitt.

O projeto se encontra no período de garimpagem, numa fase de levantamentos. O grupo começou a trabalhar no MAMM no início deste ano. Ainda não existem respostas e nem dados conclusivos: “Porém, estamos encantados. Estamos achando provas de que Murilo era mais transculturador do que pensávamos de início. E isso tem dado para nós uma abertura muito grande, porque estamos popularizando um escritor que tem uma erudição extremamente peculiar”, comenta a coordenadora, que observa que, com “a transculturação, a gente consegue decodificar Murilo para que ele seja inteligível, trabalhável em qualquer nível, para que o estudante possa ter acesso a ele”.

Jefferson Oliveira